

## CRÉDITOS IMAGENS

FIG.1: Manchete da "Revista Veja" sobre uma "nova" cidade em 1995. Fonte: Acervo Digital da "Veja". Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capas-de-veja-sao-paulo-1995/>

FIG.2: Notícia sobre a remoção de favelas na região da Berrini. Folha de S.Paulo, ago. 1995. Fonte: Acervo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=12893&anchor=475504&pd=8of2e135f2ca4be001b5f9400c91570>

FIG.3: Marcha estudantil de estudantes da USP. Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIG.4: Manchete sobre o concerto dos Racionais MC's na Virada Cultural. Folha de S.Paulo, maio 2007. Fonte: Acervo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=17164&anchor=5228184&pd=1cdced530149cceb934283824e726aaf>

FIG.5: Notícia sobre a "invasão" de grupo pichador na Bienal. Folha de S.Paulo, out. 2008. Fonte: Acervo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=17703&anchor=5323684&pd=e083795dd004odbo43c65bc97603d1fd>

FIG.6: Escola de Samba Vai-Vai na FAU-USP. Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIG.7: Notícia sobre a disputa de Sílvio e Zé Celso. Folha de S.Paulo, nov. 1980. Fonte: Acervo Folha. <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=7494&anchor=4271684&pd=9cb69507c7253d0e4314c42f98d5f1a5>

FIG.8: Teatro Oficina. Fonte: Acervo pessoal do autor.

## REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos**: neoliberalism's stealth revolution. Cambridge, MA: MIT Press, 2015.

COLOSSO, Paolo. **Disputas pelo direito à cidade**: outros personagens em cena. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

D'ANDREA, Tiarajú. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DAVIS, Angela. A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora. **Praxis Magazine**, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://praxisonlineblog.wordpress.com/2018/11/20/a-obsolescencia-das-tarefas-domesticas-se-aproxima-uma-perspectiva-da-classe-trabalhadora-angela-davis/>. Acesso em:

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão**: duas histórias de construção de uma "nova cidade" em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.

HARKOT, Marina. **A bicicleta e as mulheres: mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

## SOBRE O AUTOR

Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAU-USP). Este ensaio foi desenvolvido a partir de uma pesquisa experimental no primeiro semestre do ano de 2025, orientada pelo professor Prof. Dr. Jean François Germain Tible (FFLCH-USP).

dccolque@usp.br

## ARTIGO

# A imagem da favela na revista "O Cruzeiro": fotojornalismo entre 1930 e 1970

Gabriel Ferreira Licastro

Orientação: Prof. Dra. Ana Claudia Veiga de Castro (FAU-USP)

Pesquisa: Iniciação Científica, processo Fapesp 2021/04175-6, FAU-USP, 2021-2022.

Este artigo busca investigar as representações da favela na revista O Cruzeiro, através das fotorreportagens, colunas e editoriais publicados nesta que foi considerada a maior da América Latina no século XX — durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. Ao fazer tal percurso analítico, este trabalho tem como objetivo

contribuir para o entendimento de como a mídia de massa, especialmente com a utilização do fotojornalismo narrativo, cria e propaga determinada "imagem de cidade" e, especificamente, como as favelas eram tratadas, ou seja, em que nível elas estavam inseridas ou excluídas da interpretação coletiva da paisagem urbana brasileira.

**Palavras-chave:** história urbana; favelas; revistas.

## The image of the *favela* in "O Cruzeiro" magazine: photojournalism between the 1930s and the 1970s

This article seeks to investigate the representations of the *favela* in the magazine O *Cruzeiro*, through the photo reports, columns, and editorials published in what was considered the largest magazine in Latin America in the 20th century—during the 1940s, 1950s, and 1960s. By undertaking this analytical path, this work aims to contribute to the understanding of how mass media, especially through the use of narrative photojournalism, creates and propagates certain "city images." More specifically, it examines how *favelas* were treated, that is, to what extent they were included in or excluded from the collective interpretation of the Brazilian urban landscape.

**Keywords:** urban history; *favela*; magazines.

## La imagen de la *favela* en la revista "O Cruzeiro": fotoperiodismo entre los 1930s y los 1970s

Este artículo busca investigar las representaciones de la *favela* en los años 1940, 1950 y 1960 a través de reportajes en fotos, columnas y editoriales publicado en la revista O *Cruzeiro*, considerada la mayor de Latinoamérica en el siglo XX. Haciendo tal recorrido analítico, este trabajo tiene como objetivo contribuir para el entendimiento de cómo los medios de comunicación de masa, en especial con la utilización del fotoperiodismo narrativo, crea y propaga una determinada "imagen de ciudad" y, específicamente, cómo fueron tratadas las "favelas", es decir, en qué nivel fueron incluidas o excluidas de la interpretación colectiva del paisaje urbano brasileño.

**Palabras clave:** historia urbana; *favelas*; revistas.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da pesquisa "As Cidades Latino-Americanas na Revista O Cruzeiro (1957-1965)" realizada na FAU-USP entre 2021 e 2022 e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). A pesquisa teve como objeto a pesquisa sistemática no acervo dessa grande revista de variedades brasileira do século xx em busca de matérias, imagens e todo tipo de ocorrência que representasse uma cidade latino-americana ou a ideia de uma. Neste artigo busca-se apresentar alguns de seus resultados, focando nas ocorrências que diziam respeito à "favela" ou a temas correlatos, os catalogando e analisando.

Este inventário é feito a partir da concepção da cidade como um "artefato" multifacetado (Meneses, 1996), vivenciado e representado de múltiplas formas por diferentes agentes e grupos sociais. Sendo assim, o estudo das suas representações, as "imagens da cidade", pode fornecer elementos para as análises sobre a dimensão material, mas também sobre as experiências que ali ocorrem, trazendo elementos e subsídios importantes para as pesquisas em diversas áreas das Ciências Sociais.

Com esse entendimento, o projeto explorou a questão da imagem da cidade como representada na cultura de massa, em uma tentativa de inventariar algumas das tendências e discursos em pauta quando dos processos de intensificação da urbanização latino-americana, desde meados do século xx e majoritariamente na sua segunda metade. Pela periodicidade e variedade de sujeitos, um tipo de veículo de informação que tem se consagrado na historiografia social como fonte privilegiada para a análise das representações é o dos periódicos ilustrados não especializados. Constituído em grande parte por revistas ilustradas de variedades, essas edições abordam uma infinidade de temas que fazem parte do cotidiano da vida moderna e, naturalmente, entre eles está a cidade. Uma das maiores e mais importantes revistas no Brasil neste ramo durante o século xx foi "O Cruzeiro", periódico ilustrado publicado entre 1928 e 1975 pelos Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand (Secretaria..., 2002). Como uma revista de grande circulação no

período escolhido, e ainda tendo seu arquivo digitalizado em grande parte no acesso público online da Biblioteca Nacional, este veículo se apresentou como o lócus documental apropriado para esta pesquisa.

A pesquisa como um todo focou nos anos entre 1957 e 1965, ciclo áureo da revista em tiragem e influência, assim como anos em que circulou também a "Cruzeiro Internacional", a variante da revista em espanhol distribuída em diversas capitais latino-americanas, assim como nos EUA. Quando, porém, a lente de pesquisa delimita os recortes temáticos, o período analisado pode ser alargado para se ter uma visão mais compreensiva. Este trabalho apresenta uma análise do tema das favelas durante toda a publicação da revista brasileira, de 1928 a 1975, com destaque para as décadas de 1940, 1950 e 1960.

Baseando-se na leitura de uma bibliografia ampla que perpassa os temas da história urbana, representação imagética (por meio, por exemplo, do fotojornalismo) e estudos psicossociais (quanto à apreensão de imaginários coletivos e/ou narrativas e discursos humanos), foi possível observar e refletir sobre os modos como as cidades eram apresentadas e representadas pela revista, percebendo imagens e tópicos recorrentes.

## 2. PRIMEIRAS OCORRÊNCIAS: RELATOS E NARRATIVAS

A primeira menção à "favela" na história de "O Cruzeiro" data de 1931 (O Cruzeiro, 1931) estreada na década anterior. Essa referência, embora já possua termos e "juízos" que se consolidariam ao longo das décadas seguintes, é um indicador de quando esse fenômeno urbano passa a eclodir no Rio de Janeiro. Esta é a primeira fase da emergência da favela na mídia: a "descoberta" pelas classes média e alta da sociedade (Valladares, 2000), potencializada na década seguinte com diversos relatos narrativos que "abriram" as portas dos morros para aqueles que os viam de longe. A edição de 9 de setembro de 1944 traz a primeira representação fotográfica dos morros do Rio de Janeiro em uma crônica ilustrada pela "dupla dourada" de "O Cruzeiro": o jornalista David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon. Em

FIG. 1:

Páginas da matéria "Sabotagem no Morro".  
Fonte: MANZON, J.; NASSER, D. Sabotagem no Morro. O Cruzeiro, v.17, n.46, 9 set. 1944.



"Sabotagem no Morro" (Manzon; Nasser, 1944) mostra-se uma história, escrita de forma a nublar os limites do que é relato jornalístico e do que é narrativa ficcional. Fotos da vida na favela incluem a vista do morro ainda não totalmente ocupado, os barracos de madeira e as rodas de samba com seus músicos e instrumentos.

Os personagens e os ambientes são apresentados de forma didática, como um manual para o observador externo aos morros e público alvo da revista, as classes média e alta urbanas, poderem conhecer o fenômeno. Os retratos em preto e branco possuem alto contraste entre luz e sombras, quase como atores em um palco iluminado. Quando aparecem construções, existe um enquadramento cênico, explicitamente, assim como nos retratos, como se os sujeitos estivessem em um cenário. Além dos tópicos supracitados esta ocorrência mostra em detalhes a "pobreza" subentendida muitas vezes pela lente da "precariedade", termos que acompanham o tema desde então. Por fim, a relação da favela com a cidade também se torna evidente pela primeira vez imageticamente, onde antes via-se apenas cada um dos "polos" opostos, agora é possível vê-los lado a lado. Essa imagem do foco na favela com a cidade ao fundo vai se tornar daí em diante uma das mais revisitadas, contribuindo para a

leitura do Rio de Janeiro (e das cidades latino-americanas em geral) como cidade dual.

Ao longo dos anos a dupla (ou ao menos um deles) repetiria a fórmula em outras ocorrências; matérias e reportagens colocando o holofote em diversos "personagens" que transitam pela(s) favela(s) e seu cotidiano. "O Relógio do Morro" (Manzon, Nasser, 1945), "Os Padres da Favela" (Manzon, 1948) e "A Tragédia do Cômico" (Manzon, Nasser, 1949) reforçam a imagem criada na matéria de 1944 e também passam a associar as imagens da miséria às da solidariedade, buscando as representações também da religião, da negligência governamental que gera a precariedade e o crime e, por fim, reforçam a relação/dissociação cidade-favela. Espaços construídos no imaginário como antagônicos, mas interdependentes no cotidiano, já que o Rio de Janeiro precisava da população pobre que habitava os morros, desde sua mão de obra até a participação das favelas na regulação do mercado imobiliário da cidade.

A partir do levantamento das ocorrências ao longo dos anos foi possível perceber que o discurso sobre as favelas, em suas diversas formas, teve um grande impacto em toda uma geração de jornalistas já que, a partir da década de 1950 outros jornalistas da revista acabaram escrevendo matérias e especiais similares àquelas iniciais,

como, por exemplo: "O Ventre da Favela" (Amádio, Damm, 1950), "Uma Favela e Duas Santas" (Tanes, Ronek, 1958), e "O Rei do Morro Não Gosta de Matar" (Lemos, Barreto, 1960).

Percebe uma cristalização do que o corpo editorial concebia como "favela", incluindo imagens consagradas dos barracos que subiam os morros ou formas de fotografar crianças em situação de vulnerabilidade pelas ruas sujas. Também se consolidou um vocabulário que tratava de termos como "miséria" e "barracos", que também gerou a equivalência entre o termo "morro" e "favela", já que esse tipo de assentamento se espalhava pela cidade para além do Morro da Favella'.

Todas essas ocorrências convergem para a leitura de Lícia Valladares (2000) de que a favela era retratada por artistas e jornalistas como "um outro mundo" trazido para o conhecimento do "povo" (leia-se classes médias e altas urbanas) a partir de uma ponte lírica que "as elites não ousavam subir" fisicamente (Valladares, 2000).

Além disso, o formato "fotojornalístico" das matérias, se consagra como um dispositivo de sucesso, em que o texto por vezes fica subalternizado às imagens. O impacto das fotografias, muitas vezes sangradas e ocupando mais da metade da mancha gráfica, cria um grande efeito narrativo e dialético. Em um período em que as imagens televisivas eram raras (especialmente na década de 1940 e 1950) pode-se dizer que as imagens trazidas por estas matérias apresentavam uma nova camada para o imaginário popular de diversos temas, entre eles, as cidades, e o Rio em especial, uma capital que começava a se singularizar também pela presença dessas favelas.

### 3. INTELLECTUALIDADE

Na edição de 5 de novembro de 1949, Rachel de Queiroz, outro dos grandes nomes da história da revista, escreve um texto em sua coluna semanal "Última Página" intitulado "Favela" (Queiroz, 1949). De uma forma sucinta a autora descreve o processo de surgimento da favela no Morro da Providência em relação à Campanha de Canudos, uma história hoje clássica,

considerada atualmente um pseudomito (Valladares, 2000), mas que na primeira década do século XX teve um grande impacto na sociedade, graças ao retrato feito por Euclides da Cunha, em 1902, em "Os Sertões".

É possível ver com este texto de Rachel de Queiroz um relance das opiniões de setores da intelectualidade do Rio de Janeiro no meio do século XX: o entendimento do nascimento das favelas cariocas como uma consequência da situação urbana da época, a dicotomia entre a pobreza e o crime, a cultura popular da favela, os números da favela em população, a ineficiência governamental em prover infraestrutura urbana ou habitação popular (um novo aspecto da política urbana que se tornava um tema em pauta, visível se pensarmos nos Parques Proletários de Getúlio Vargas, os Instituto de Aposentadoria e Pensão – IAP, e principalmente o Departamento de Habitação Popular – DHP do Distrito Federal). Esta ocorrência esboça a transição geral que aconteceria no último quartel do século, a mudança da construção de "descoberta" para a de "análise" do fenômeno crescente das favelas (Valladares, 2000).

Outros pensadores e intelectuais, como Maria da Conceição Aboud (Aboud, 1950) e Gilberto Freyre (Freyre, 1950), já percebendo a importância deste fenômeno urbano no panorama da cidade do Rio de Janeiro, iriam se debruçar nos anos seguintes sobre este tema com matérias em "O Cruzeiro".

### 4. INTERCÂMBIO CULTURAL

O aumento da presença do tema "favela" se deve em grande parte, também, à popularização massiva da cultura do samba que "desce os morros" e invade a vida boêmia do Rio de Janeiro para depois se alastrar por todo o país. Os blocos e, principalmente, as escolas de samba extrapolam seus antigos limites e se tornam parte da vida urbana geral em uma determinada parte do ano – como visto nas diversas páginas dedicadas ao assunto nas publicações feitas em época de Carnaval. O anúncio dos desfiles – com lista das escolas envolvidas e descrições de seus locais (geralmente morros) de origem



**FIG. 2:** Páginas da matéria "Eu Sou o Samba". Fonte: SILVA, A. da; BRAGA, B.; NAMORADO, P.; CAMINHA, A. Eu Sou o Samba. *O Cruzeiro*, v.28, n.17, 11 fev. 1956.

ilustradas com fotografias, o retrato de um país em festa, que momentaneamente esquece os "vícios" ou a miséria dos morros.

Grandes nomes, principalmente músicos, de origem nas favelas, logo se tornam personagens conhecidos por uma grande parte da população e, portanto, podem ocupar espaço nas páginas de "O Cruzeiro". Nota-se, assim, uma "assimilação cultural" parcial da favela no panorama urbano, ainda que a questão trouxesse consigo diversas problemáticas sociais como o racismo, o elitismo e a apropriação cultural.

Vale fazer uma breve observação para ressaltar que outro campo cultural onde as favelas começavam a aparecer com frequência era o do teatro, atestando também a sensibilidade dos "intelectuais" em retratar esses espaços para audiências de classe média e alta que neles não ousaram adentrar, como dito anteriormente.

### 5. MATÉRIAS DE DENÚNCIA

Com a expansão física e cultural do tema "favela", torna-se mais comum e corriqueiro o relato das "mazelas" da favela, como a precariedade, a miséria, as doenças e a criminalidade. Conjuntamente com os outros tipos de matérias, aparecem as reportagens localizadas com uma determinada lente temática, de forma mais objetiva e sintética, com fotografias

mais sucintas, descrevendo uma narrativa mais contida, embora o discurso do fotojornalismo continue latente. As palavras fortes e cenas pesadas descritas nessas matérias contrastam com o tom pacífico e otimista que geralmente se encontra nas revistas de variedade e nos seus anúncios.

"Maconha: a Erva do Sonho e da Morte" (Martins, 1953), por exemplo, relata a criminalidade associada ao tráfico desta droga no Rio de Janeiro, no qual se descreve:

As favelas cariocas são verdadeiras cidades-livres, com governo e leis próprias. Durante o dia é sempre uma aventura penetrar no miserável labirinto de barracos da Mangueira, do Querosene, do Esqueleto, ou de qualquer outra favela, pois todas elas são autênticas "Casbahs". Durante a noite, seria tentativa de suicídio... Por entre o dédalo de barracões, que se enquistaram na antiga Cidade Maravilhosa como chagas sociais, e nos quais se abriga muita gente trabalhadora na crise que atravessamos, o transeunte pode ser atacado e mesmo morto, sem possibilidade de defesa. (Martins, 1953, p.10)

A criatividade narrativa, propositalmente evocativa e instigante, faz parte da estratégia do periódico para prender a atenção de sua audiência. O relato mostra bem o alarmismo da mídia quanto aos morros, vistos como "chagas sociais" e

repletos de criminalidade, embora exista a concessão de que muitos dos habitantes das favelas sejam trabalhadores dignos e também vítimas dessa situação. É possível comparar este tipo de narrativa com a postura midiática vista nos “programas policiais” atuais que se ocupam de relatar de forma frenética e reacionária, muitas vezes ao vivo, os crimes que acontecem nas grandes cidades brasileiras, a exemplo do sensacionalista “Cidade Alerta”.

Em “O Morro vai Cair” (Carneiro, 1954), vemos uma matéria sobre a famosa demolição/destruição do Morro de Santo Antônio para a “liberação” do centro do Rio de Janeiro. Aqui, novamente, a descrição da favela apela para uma narrativa instigante, destacando as piores mazelas e até confabulando depravações, mas desta vez são feitas algumas considerações mais refinadas sobre a segregação socioespacial e a diversidade demográfica dentro do morro:

Situado entre os arranha-céus da parte mais central da cidade, encravado na retina de uma das mais belas cidades do mundo, o Morro parece assim um montão de estrume caído entre brinquedos de luxo. [...]

Funciona como um dos 300 e poucos focos da segregação residencial, fenômeno da ecologia do Distrito – esse que expulsa do asfalto e espreme nas favelas a massa dos marginais. Escalando o Morro depara-se com uma realidade que as estatísticas municipais demonstram. São famílias numerosas que habitam verdadeiros buracos de tatu. Caminhos tortos, estreitos, intervalados com poças d’água poluída, que tem nome de rua – veredas que obedecem à necessidade da construção de um barraco, por alguém que, sem outro recurso, arruma tábuas de caixote e zinco e levanta algo para se cobrir (com a família), em lugar onde seria imprudente uma excursão de civilizados.

Além da promiscuidade – a vida em comum entre adultos e menores – “Santo Antônio” deprime pelo índice de tuberculosos elevado e pela frequência de males, os mais atrozes. É comum a criancinha magra escanchada nos quadris de uma mãe também esquelética, a procissão da lata d’água

na cabeça, o rebuliço dos porcos nas vielas e os vagabundos (que descem o morro para assaltar casais ou retardatários incautos) [...]

Uma evidência destoante oferece o “Santo Antônio” (revelação das estatísticas): é que nem todos os favelados são pobres. Alguns há com salários de 10 mil cruzeiros [...] que contraíram o vício de morar no morro.” (Carneiro, 1954, p.57)

## 6. FAVELAS POR TODO O BRASIL

A explosão demográfica que o Brasil apresentou durante a segunda metade do século xx,<sup>2</sup> associada à insuficiência da infraestrutura urbana que pudesse assimilar tamanha transformação, fez com que, de uma forma ou outra, a tipologia da “favela” começasse a ser percebida em diversas outras cidades do país. Tais ocorrências começaram a aparecer com mais substância na revista “O Cruzeiro” na metade da década de 1950, a iniciar pela descrição da “Favela na Selva” (Lemos, 1954) – Constantinópolis, a maior favela amazonense na época – o que por si só impõe a compreensão de que as favelas estariam espalhadas por todo território nacional, até mesmo na longínqua Amazônia.

Percebe-se que a leitura destas novas ocorrências sempre se dá partindo do pressuposto de que as favelas cariocas eram paradigmaticamente o “padrão”, e que as divergências encontradas nas outras favelas pelo país, advindas de outras realidades urbanas, eram menos importantes para a conformação destes espaços. Para o leitor atual, porém, o elenco dessas diferenças permite visualizar os processos políticos, econômicos e culturais que conformam ambivalentemente os núcleos habitacionais “favelas”, mas, principalmente, as diferenças locais desta aparente “tipologia” ao longo do território e cronologia nacional.

Os casos mais paradigmáticos neste mesmo período são os das favelas paulistanas, no estado que se tornou o mais importante economicamente da federação, e que começam a aparecer como um tópico recorrente, contando

**FIG. 3:** Páginas da matéria “O Morro Vai Cair”. Fonte: CARNEIRO, L. O Morro Vai Cair. O Cruzeiro, v.27, n.37, 28 jun. 1954.



com matérias de denúncias da pobreza na capital paulista, incluindo da sujeira urbana geral à criminalidade. Em 1959, porém, duas matérias sobre São Paulo foram responsáveis por introduzir aspectos novos no debate: o papel do planejamento urbano e a voz do sujeito favelado.

Em 7 de março de 1959, Neil Ferreira publica de forma ilustrada, com fotos e diagramas de autoria própria, uma síntese do importante levantamento feito pelo Padre Lebre e sua equipe,<sup>3</sup> publicado integralmente pelo jornal “O Estado de S.Paulo” na mesma época. Em “São Paulo: Cidade sem Alma” (Ferreira, 1959) constrói um retrato pessimista da capital paulista, a miséria, a criminalidade e a falta de infraestrutura, e apresenta o levantamento e a intervenção urbana como as únicas soluções possíveis antes de uma hipotética descida da civilização urbana em direção à miséria.

Esta matéria é importante pois apresenta de forma acessível, embora fatalista e utopista, ao público leigo leitor os conceitos de levantamento e planejamento urbanos que cada vez mais apareciam no campo das políticas públicas nas grandes cidades brasileiras. O texto e as imagens descrevem de forma mais objetiva e direta, quase científica, como é o tema da matéria, o panorama atual da cidade, as regiões e populações inventariadas, os “novos indicadores” trazidos por Lebre e, principalmente,

os diagramas que explicam os planos esboçados para a resolução destes problemas no longo prazo.

Em 20 de junho de 1959, Audálio Dantas, conhecido jornalista brasileiro da época, lança nas páginas de “O Cruzeiro” uma das matérias mais emblemáticas da história da revista: “Retrato da Favela no Diário de Carolina” (Dantas, 1959). Nesta matéria de seis páginas conta a história de Carolina Maria de Jesus, uma catadora de sucata moradora da Favela do Canindé que, tendo aprendido a ler e escrever na sua infância em Minas Gerais, relatava sua experiência de vida em milhares de páginas de seus diários. Ao explicar essa experiência, extraordinária para as classes médias e altas da época, o jornalista apresenta os pontos de vista enviesados sobre os espaços da favela e também algumas especificidades geográficas que diferenciam as favelas paulistanas das cariocas, em especial a diferença entre uma “favela de morro” e uma “favela de várzea”. De uma forma geral, porém, a atenção quase inédita às opiniões e acontecimentos da vida de Carolina fazem com que esta matéria apareça como pioneira na lenta ampliação dos “holofotes” sobre o assunto, abrindo a possibilidade de haver sujeitos favelados comunicando suas experiências em seus próprios termos.

Passando brevemente por uma análise iconográfica das fotos presentes nesta matéria, também de Audálio, é possível ver

a herança do fotojornalismo tradicional de "O Cruzeiro": os retratos e as paisagens são enquadradas de forma cênica e teatral, encenando o cotidiano (deixando clara uma "direção de cena" em cada uma delas). Nesta matéria, porém, é possível perceber também que o texto e as imagens trabalham de forma a desmistificar a imagem do favelado "criminoso" e "vicioso" para introduzir Carolina e seus filhos como "íntimos", o que, atualmente, pode ser lido como um outro tipo de estigmatização que serve a propósitos de pacificação dos conflitos inerentes ao panorama urbano capitalista.<sup>4</sup>

Essa associação de "O Cruzeiro" e de Audálio Dantas com a autora e seu sucesso pode ser problematizada nas lentes do direito de autoria, apropriação de experiências e comercialização da miséria, porém é inegável que, a presença de Carolina e suas opiniões nas páginas da revista e nos círculos intelectuais abre um novo campo de possibilidades na sua compreensão pelos demais habitantes das cidades e no estudo das favelas.

## 7. LIFE VS. O CRUZEIRO

Um dos momentos cruciais da história da revista, que revela de forma exemplar o "sonho imperialista" de Assis Chateaubriand (Casadei, 2012) é o conflito midiático direto estabelecido entre "O Cruzeiro" e a norte-americana "Life" no começo da década de 1960 justamente sobre os temas das favelas e da pobreza. Como explica Fabiana dos Santos:

Entre junho e julho de 1961, a revista Life publicaria uma série de cinco fotorreportagens sobre a América Latina [...] A segunda reportagem (edição de 16 de junho de 1961) apresentou o cotidiano da família Silva, moradora da favela da Catacumba no Rio de Janeiro, através de fotografias e trechos do diário de viagem do norte-americano Gordon Parks. O artigo pretendia apresentar a "face humana" da pobreza, problema presente em todo o subcontinente, e que se impunha como desafio econômico ao "mundo livre". (Santos, 2019, p.52)

Em 7 de outubro do mesmo ano, "O Cruzeiro" monta sua "resposta": a capa

anuncia "Repórter Henri Ballot descobre em Nova York um novo recorde 'americano': MISÉRIA" (Ballot, 1961).<sup>5</sup> O jornalista acompanha a vida de uma família portorriquenha em áreas pobres de Manhattan, revelando como o fenômeno da pobreza é quase o mesmo a norte e a sul do Canal do Panamá. É interessante notar como nas duas reportagens os visuais da pobreza são representados em imagens dos exteriores e dos interiores, revelando uma certa "estética" da pobreza nitidamente sensacionalista, que utiliza todas as estratégias desenvolvidas a muitos anos pelo corpo editorial de ambos os periódicos.<sup>6</sup>

## 8. O PLANEJAMENTO URBANO

Como ressaltado por Lícia Valladares (2000), ao longo do século xx a favela se torna cada vez mais presente nas cidades e no imaginário brasileiros. Gradativamente este aspecto da cultura urbana vai se solidificando como uma questão de saúde pública, infraestrutura, habitação e emprego circundada em um espaço que requer atenção dos governantes. A história urbana brasileira mostra essa transição muito bem ao recontar o tratamento legado aos cortiços do Rio de Janeiro na virada do século xx, passando pelas campanhas higienistas contra os morros cariocas no começo do século e, por fim, o início dos levantamentos e estudos sobre as favelas em geral que ocorrem a partir do Censo em 1948 (Gonçalves, 2020).

Pequenos estudos, censos, pesquisas e levantamentos começam a ser articulados para criar um primeiro panorama das favelas brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, revelando como as favelas eram introduzidas no vocabulário do "planejamento urbano" que se construía no país. Alguns casos exemplares foram tão emblemáticos por suas revelações e possível impacto, que foram transmitidos para o público geral através de jornais e revistas. Como citado anteriormente, um resumo do levantamento feito em São Paulo pelo Padre Lebreton foi publicado na Cruzeiro (Ferreira, 1959), mas também é possível ver um estudo anterior feito especificamente sobre as favelas cariocas em 1958 por um pesquisador francês sediado na Universidade Nacional de Buenos Aires (Lyra, Moraes, 1958),<sup>7</sup> um



FIG. 4:

Páginas da matéria "Retrato da Favela do Diário de Carolina". Fonte: DANTAS, Audálio. O Cruzeiro, v.31, n.36, 20 jun. 1959.

resumo das ações do Banco Nacional da Habitação (BNH) para provisão de moradias populares em 1967 e o relato da remoção de diversas favelas ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas para a criação de um novo bairro para a elite carioca em (Carneiro et al., 1967).

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este inventário se deparou com 570 ocorrências da palavra "favela" no catálogo da revista disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, distribuídos como indica o gráfico a seguir.

A escassez do termo nas primeiras décadas da revista provavelmente se relaciona com o número reduzido de favelas no país, circunscrita a alguns morros do Rio, e também pouca vontade de ilustrar as páginas com tais relatos. Conforme as favelas vão se tornando mais numerosas e sua presença, principalmente no Distrito Federal da Guanabara, mais difícil de ignorar, os olhares da mídia recaem sobre os morros durante a década de 1940 e principalmente de 1950. Durante a década de 1960 o tópico já está consolidado, sendo tratado de múltiplas formas (como exposto por este trabalho) com uma frequência quase bissemanal.

Como o gráfico demonstra, porém, a frequência do tema parece diminuir nos últimos quinze anos da revista, essa

tendência de queda, porém, deve ser entendida dentro de alguns limitantes. A emergência de outros periódicos e veículos de comunicação durante a década de 1970 ocasionaram a quebra de hegemonia de "O Cruzeiro", fazendo com que sua tiragem diminuísse vertiginosamente nestes anos, assim como sua periodicidade. Deve-se ter em mente, então, que o diminuto número absoluto de ocorrências é diferente da realidade proporcional: mais de 40 ocorrências nas 54 edições de 1961 não podem ser analisadas do mesmo jeito que as nove ocorrências nas doze edições de 1979. É preciso ter em mente, também, que a diminuição de tiragem também ocasionou maior dificuldade em encontrar estes fascículos e, portanto, o próprio acervo da Hemeroteca Digital não é completo, principalmente após 1975. Por fim, é possível supor que, na medida em que o fenômeno urbano das favelas se tornava cada vez mais frequente na vida de milhões de brasileiros, o interesse fotojornalístico (muitas vezes utilizador das favelas como combustível midiático) no tema tornou-se reduzido e a atenção do corpo editorial migrou para outros temas.

A partir da análise das principais ocorrências buscou-se sintetizar quais foram as tendências que se consolidaram ao longo das décadas, principalmente de 1940 a 1960, um espaço amostral



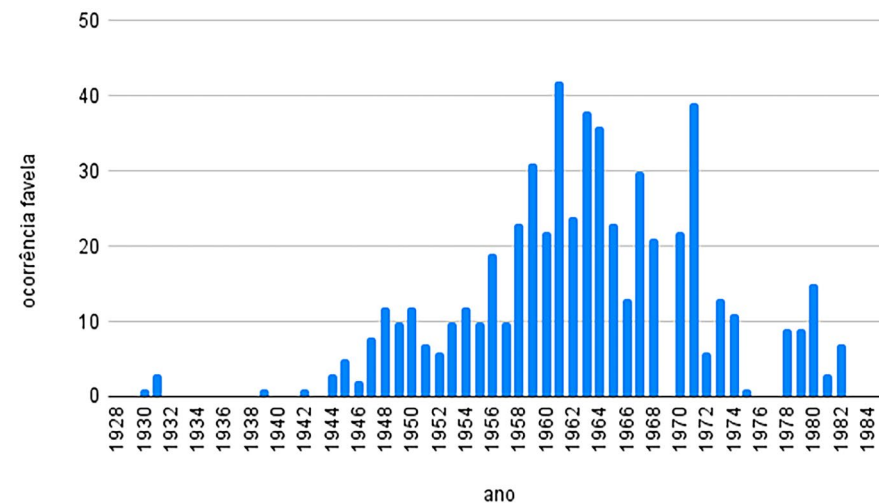
**FIG. 5:** Páginas da matéria "A Favela Vai Embora". Fonte: CARNEIRO, G.; MORAES, M. de; NASSER, E.; BALLOT, H. A Favela Vai Embora. **O Cruzeiro**, v.39, n.66, 30 dez. 1967.

privilegiado devido ao sucesso de vendas da revista, a participação de grandes nomes do jornalismo brasileiro e também o crescimento vertiginoso da população urbana no país. Aferiu-se que, de fato, a favela passa a figurar fortemente no imaginário urbano, principalmente do Rio de Janeiro, mas posteriormente de São Paulo e de outras grandes cidades brasileiras. O fato de a mídia de massa ter muitos de seus atores principais situados no Rio de Janeiro nessa época, fortalece a divulgação da realidade da cidade por todo o país e, se a cidade é considerada o berço das favelas por assim dizer, o discurso propagado pelos veículos acaba chegando em muitos cantos da nação. Como demonstrado, o conteúdo publicado apresenta diversas facetas: por vezes pessimistas ao relatar a miséria e a criminalidade, em outras otimista ao proclamar glória à cultura popular do samba, ou mesmo rebatendo críticas internacionais mostrando que até mesmo "países de primeiro mundo" apresentavam formas de vida análogas às favelas. Esta diversidade de autores, sujeitos, interlocutores e temas atesta a frequência do assunto "favelas" nos meios de comunicação e, por conseguinte, seu impacto na cultura da época.

É fundamental entender a importância de imagens fortes, definidas, muitas vezes cênicas, no modelo de vendas adotado

pelos jornais de variedades no Brasil e no exterior a partir da década de 1950; quando as imagens "realistas" trazidas pelos fotógrafos não eram tão comuns no cotidiano do povo (como viria a ser posteriormente com a popularização da televisão). Texto escrito e texto imagético se complementam para aumentar o impacto das matérias, crônicas, reportagens e especiais, uma marca do "fotojornalismo" trazido pela "O Cruzeiro" pioneiramente para o Brasil e que, em matérias instigantes, como as que buscamos ressaltar no texto, atingem seu ápice de valor representativo.

O tema da favela tornou-se intrínseco aos estudos urbanos brasileiros e entender como e quando a barreira entre o específico para o geral foi borrada, e em quais momentos e por meio de quais instrumentos culturais a população geral entende esta tipologia urbana (ou semiurbana) como parte das cidades, é de grande importância para o longo debate que circunda este campo do conhecimento. Espera-se que com este inventário seja possível continuar uma compreensão mais ampla dos estudos urbanos e suas interseccionalidades com os campos da cultura e, portanto, o entendimento de "imagens", "imaginários" e discursos que extrapolam a visão especializada que se propaga através do cânone acadêmico.



**FIG. 6:** Gráfico de ocorrências do termo "favela" por ano de publicação de "O Cruzeiro" como disponível no acervo da Hemeroteca Digital. Fonte: Elaboração do autor.

## NOTAS

1. "Morro da Favella" era o nome dado para o primeiro assentamento deste tipo que se tornou notório na cidade do Rio de Janeiro no primeiro quartel do século xx. Sua origem e nome geraram muitas teorias, desde a vegetação nativa até uma referência ao Arraial de Canudos (sua população ou os soldados de lá retornados, dependendo da versão). Com a replicação desse modelo em outros locais da cidade o termo irradiou para designar essa categoria e este morro em particular passou a ser chamado de "Morro da Providência", que até hoje possui uma parte que é considerada "favela" na concepção contemporânea.
2. Um campo de estudos da comunicação vem se consolidando analisando as origens, características e consequências do sensacionalismo criminal/policial na mídia de massa. Alguns exemplos incluem Oliveira, 2011; Lage Neto, 2015; Amaral, 2020; Swatek, 2020.
3. O apanhado de estatísticas do século xx publicado pelo IBGE em 2006 detalha os valores absolutos e taxas da população brasileira ao longo desses cem anos, com destaque ao movimento de êxodo rural das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970.
4. Louis-Joseph Lebret foi um pensador e pesquisador humanista que, devido a suas ações religiosas, empregou técnicas desenvolvidas pelas ciências humanas europeias para recensear e estruturar estudos sobre

a população pobre em São Paulo e no Rio de Janeiro durante as décadas de 1950 e 1960, uma das primeiras representações científicas das favelas. Uma síntese pode ser encontrada no artigo "Economia Humana e desenvolvimentismo católico: o pensamento e a ação de Louis-Joseph Lebret no Brasil" (2015), de José Henrique Artigas de Godoy.

5. Audálio Dantas (1929-2018), escritor e jornalista, é quem edita o diário para sua primeira publicação. Conheceu Carolina de Jesus ainda enquanto trabalhava para o jornal Folha da Manhã (atual Folha de S.Paulo) em 1958. A parceria duraria muitos anos, e as considerações delicadas e complexas que advém de seu trabalho, assim como as obras em si, são discutidas até hoje no campo da literatura, jornalismo, estudos raciais e história brasileira contemporânea (Silva, 2021).

6. Carolina de Jesus aparecerá em muitas outras matérias de "O Cruzeiro" nos anos seguintes, seja propagando a publicação de seu diário como o livro "Quarto de Despejo", seja como comentarista em matérias sobre outras favelas brasileiras.

7. Essa disputa é emblemática no contexto da história do jornalismo brasileiro, pelas acusações de sensacionalismo, contratação e manipulação das fotos (Santos, 2019). Para mais informações, ver: "Revista Studium", da Unicamp, editada por Fernando Tacca (2011); o artigo de Dorrit Harazim na revista "Zum" (2014) e a exposição feita no IMS-RJ em 2018: "O Caso Flávio".

## REFERÊNCIAS

ABOUD, M. da C. Cidade de Contrastes. **O Cruzeiro**, v.23, n.29, 6 maio 1950.

AMÁDIO, J.; DAMM, F. O Ventre da Favela, **O Cruzeiro**, v.23, n.1, 21 out. 1950.

AMARAL, A. J. do; SWATEK, T. D. N. Criminologia Midiática: um estudo sobre o programa “Cidade Alerta” (Rede Record de Televisão). **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v.15, n.1, 1 jan. 2020.

BALLOT, H. Repórter Henri Ballot descobre em Nova York um novo recorde ‘americano’: MISÉRIA. **O Cruzeiro**, v.34, n.52, 7 out. 1961.

CASADEI, E. B. O sonho imperialista de Assis Chateaubriand na América Latina: ascensão e fracasso do Cruzeiro Internacional. **Extrapensa** (USP), São Paulo, v.4, n.10, p. 75-87, jun. 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77251 Acesso em: 19 jul. 2022.

CARNEIRO, G.; MORAES, M. de; NASSER, E.; BALLOT, H. A Favela Vai Embora. **O Cruzeiro**, v.39, n.66, 30 dez. 1967.

CARNEIRO, L. O Morro vai Cair. **O Cruzeiro**, v.27, n.37, 28 jun. 1954.

DANTAS, A. Retrato da favela no diário de Maria Carolina. **O Cruzeiro**, v.31, n.36, 20 jun. 1959.

FERREIRA, N. São Paulo cidade sem alma. **O Cruzeiro**, v.31, n.21, 7 mar. 1959.

FREYRE, G. Favelas e Mocambos. **O Cruzeiro**, v.23, n.37, 1 jul. 1950.

GODOY, J. H. A. de. Economia Humana e desenvolvimentismo católico: o pensamento e a ação de Louis-Joseph Lebreu no Brasil. **Teoria & Pesquisa** – Revista de Ciência Política, v.24, n.1, p.40-53, jan./jun. 2015. Disponível em: https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/427/280.

GONÇALVES, R. S. Censos e favelas cariocas: evolução de um conceito censitário. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v.28, n.32, p.1-30, jan. 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/165062. Acesso em: 19 jul. 2022.

GORELIK, A. A produção da “cidade latino-americana”. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v.17, n.1, p.111-133, jun. 2005.

HAMPF, M. T. A cidade dual: sua interpretação no sul. **Vitruvius**, v.4, abr. 2004.

IBGE. **Estatísticas Brasileiras do Século xx**. Rio de Janeiro: 2006.

LAJE NETO, G. **Telejornalismo policial-investigativo um estudo sobre o impacto do sensacionalismo e da banalização da violência sobre a sociedade**. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE. maio 2015. Anais... Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0772-1.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

LEMON, U. de; BARRETO, L. C. O Rei do Morro Não Gosta de Matar”. **O Cruzeiro**, v.33, n.12, 3 jan. 1960.

LEMON, U. de. Favela na Selva. **O Cruzeiro**, v.27, n.2, 23 out. 1954.

LYRA, J.; MORAES, M. de. Radiografia das favelas. **O Cruzeiro**, v.30, n.29, 26 abr. 1958.

MENESES, U. B. DE. Morfologia das Cidades Brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, São Paulo, v.1, n.30, p.142-155, ago. 1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25914. Acesso em: 19 jul. 2022.

MANZON, J; NASSER, D. A Tragédia do Cômico. **O Cruzeiro**, v.22, n.22, 19 mar. 1949.

MANZON, J.; NASSER, D. O Relógio do Morro. **O Cruzeiro**, v.18, n.41, 4 ago. 1945

MANZON, J.; NASSER, D. Sabotagem no Morro. **O Cruzeiro**, v.17, n.46, 9 set. 1944.

MANZON, J. Os Padres da Favela. **O Cruzeiro**, v.21, n.22, 30 mar. 1948.

MARTINS, J. Maconha: a Erva do Sonho e da Morte. **O Cruzeiro**, v.26, n.51, 3 out. 1953.

o CRUZEIRO. Aracy Cortes e seus sambas. **O Cruzeiro**, v.4, n.42, 22 ago. 1931.

OLIVEIRA, D. D. Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. In: GOMES, I. M. M. (ed.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA; Scielo Books, 2011.

QUEIROZ, R. de. Favela. **O Cruzeiro**, v.22, n.3, 5 nov. 1949.

SANTOS, F. P. DOS. **Em Busca da América Latina e suas arquiteturas**: contextos, proposições e tensões nas exposições do MoMa, 1955 e 2015. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **O Cruzeiro**: a maior e melhor revista da América Latina. Cadernos de Comunicação: Série Memória. Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 1-27, jun. 2002. Disponível em: http://wwwo.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos\_comunicacao/memoria/memoria3.pdf Acesso em: 19 jul. 2022.

SERPA, L. **A contribuição de O Cruzeiro para com o jornalismo brasileiro (1928-1945)**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5, 2007, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2007. 17p.

SILVA, A. da; BRAGA, B.; NAMORADO, P.; CAMINHA, A. Eu Sou o Samba. **O Cruzeiro**, v.28, n.17, 11 fev. 1956.

SILVA, M. A. M. DA. **Carolina Maria de Jesus e o associativismo político-cultural negro nos anos 1960**. 6 ago. 2021. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/2- uncategorised/1022-carolina-maria-de-jesus-e-o-associativismo-politico-cultural-negro-nos-anos-1960-mario-augusto-medeiros-da-silva. Acesso em: 19 jul. 2021.

TANES, T.; RONEK, A. Uma Favela e Duas Santas. **O Cruzeiro**, v.31, n.8, 6 dez. 1958.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.15, n.44, p. 5-34, 2000.

VENTURA, Z. **Cidade Proibida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

### SOBRE O AUTOR

Graduado em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU-USP). A pesquisa teve apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

gabriel.f.licastro@usp.br

#### ARTIGO

# Domesticidade em revista durante o regime civil-militar

**Evelyn Maísa Hettwer**

**Orientação: Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva (FAU-USP)**

**Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, FAU-USP, 2024.**

Entre 1968 e 1973, o Brasil testemunhava o que se consagrou como “milagre econômico”, período de maior crescimento percentual do PIB brasileiro, da ascensão dos estratos médios e da consolidação de uma sociedade de consumo massificada. Partindo da perspectiva de que a classe média brasileira assumiu uma posição essencial para os desdobramentos de um regime ditatorial, este artigo visa analisar como o discurso da modernização, integrado a esse sistema, foi incentivado pela publicidade de artefatos domésticos veiculados na revista “Manchete” – periódico de variedade com considerável influência na época, destinado a esse segmento social

**Palavras-chave:** domesticidade; regime civil-militar; classe média.

#### Domesticity in Magazines During the Civil-Military Regime

Between 1968 and 1973, Brazil experienced what became known as the “economic miracle,” a period marked by the highest percentage growth in the country’s GDP, the rise of the middle strata, and the consolidation of a mass consumer society. Based on the premise that the Brazilian middle class played a crucial role in the unfolding of the dictatorial regime, this article aims to analyze how the discourse of modernization, integrated into this system, was promoted through advertisements for household artifacts published in “Manchete” magazine – a widely influential periodical at the time, targeted at this social segment and embedded in the logic of cultural homogenization. The dissemination of discourses linked to household artifacts through advertising intensified in the post-World War II period, as the home assumed a central position for the middle class, being understood not only in its functional conception as a habitat but also in terms of what it could represent and incorporate given its symbolic potential. For these reasons, it is relevant to examine how the values and ideals mobilized in the modernization process of the dictatorial state were introduced into the private sphere through advertising circuits, shaping ways of life whose influence extends into the present day.

**Keywords:** domesticity; civil-military regime; middle class.

e inserido na lógica de homogeneização cultural. A disseminação de discursos vinculados a artefatos domésticos por meio da publicidade se intensificou no pós-guerra por a casa ocupar uma posição central para a classe média, não sendo interpretada apenas por sua concepção funcional, de *habitat*, mas pelo que poderia representar e incorporar tendo em vista seu potencial simbólico. Por tais razões, é pertinente analisar como os valores e ideais, mobilizados na modernização do Estado ditatorial, eram inseridos no espaço privado por meio dos circuitos propagandísticos, construindo modos de vida cuja influência ainda é contemporânea.

#### Domesticidad en revistas durante el régimen civil-militar

Entre 1968 y 1973, Brasil fue testigo de lo que se consagró como el “milagro económico”, un período de mayor crecimiento porcentual del PIB brasileño, del ascenso de los estratos medios y de la consolidación de una sociedad de consumo masificado. Partiendo de la perspectiva de que la clase media brasileña asumió una posición esencial en el desarrollo del régimen dictatorial, el presente artículo tiene como objetivo analizar cómo el discurso de modernización, integrado en este sistema, fue promovido por la publicidad de artefactos domésticos difundida en la revista “Manchete” – periódico de variedades con considerable influencia en la época, dirigido a este segmento social e inserto en la lógica de homogeneización cultural. La difusión de discursos vinculados a los artefactos domésticos a través de la publicidad se intensificó en el posguerra, por la casa ocupar una posición central para la clase media, no solo siendo interpretado desde su concepción funcional como *hábitat*, sino también por lo que podría representar e incorporar en función de su potencial simbólico. Por estas razones, es pertinente examinar cómo los valores e ideales movilizados en la modernización del Estado dictatorial eran introducidos en el espacio privado a través de los circuitos propagandísticos, construyendo modos de vida cuya influencia todavía es contemporanea

**Palabras clave:** domesticidad; régimen civil-militar; clase media